



A variação diassexual nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil

Natália Rocha Cardoso (PIBIC-CNPq/UFRPE)
natalia.cardoso@ufrpe.br
Marcela Moura Torres Paim (UFRPE/UFBA)
marcela.paim@ufrpe.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo fazer um estudo de variação diassexual com base na questão 191 do questionário semântico-lexical (QSL) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil: “*O que as mulheres usam no rosto para ficar mais coradinha?*”. Seguindo a metodologia de pesquisa geossociolinguística com o intuito de identificar qual o grau de conhecimento que os homens possuem sobre um objeto associado ao cotidiano das mulheres, os informantes selecionados foram indivíduos dos dois sexos, das faixas etárias I e II, entre 18-30 anos e 50-65 respectivamente, residentes das localidades de Araraquara, Teodoro Sampaio, Presidente Prudente, Marília, Bauru e Mogi Mirim. Para chegar aos resultados deste estudo de caso foram realizadas várias etapas: leitura de artigos aliada à realização de fichamentos para auxiliar na construção do referencial teórico, tendo como base os trabalhos de Suzana Alice Marcelino Cardoso e Sanimar Busse aliados a definições encontradas em dicionários; escuta das entrevistas feitas *in loco*, transcrição das gravações para coleta de dados; lançamento de dados em planilha e, por fim, a análise dos dados coletados. Foi observado que as variantes lexicais para o produto que as mulheres usam no rosto para ficar mais coradinha parecem não fazer parte do repertório linguístico dos homens entrevistados devido à dificuldade em associar o objeto à sua respectiva função, o significante ao significado, nas respostas dos informantes.

Palavras-chave: Projeto ALiB; variação linguística; variação diassexual; dialetologia; geossociolinguística.

Abstract: This study aims to make a study of diassexual variation based on question 191 of the semantic-lexical questionnaire (QSL) of the Brazilian Linguistic Atlas Project: “*What do women wear on their faces to get more blushing?*”. Following the methodology of geosociolinguistic research in order to identify what degree of knowledge men have about an object associated with women’s daily lives, the informants selected were individuals of both sexes, aged I and II, between 18-30 years and 50-65, respectively, residents of the localities of Araraquara, Teodoro Sampaio, Presidente Prudente, Marília, Bauru and Mogi Mirim. To arrive at the results of the case study, several steps were performed: reading of articles combined with the realization of records to assist in the construction of the theoretical framework, based on the works of Suzana Alice Marcelino Cardoso and Sanimar Busse allies to definitions found in dictionaries; listening to on-site interviews, transcription of recordings for data collection; release of data in spreadsheet and, finally, the analysis of the data collected. It has been observed that the lexical variants for the product that women use on their face to look more blushing seem not to be part of the linguistic repertoire of the men interviewed due to the difficulty in associating the object with its respective function, the significant to the meaning, in the respondents' answers.



Keywords: ALiB project; linguistic variation; diassexual variation; dialectology; geosociolinguistic.

Introdução

Nos primórdios dos estudos lexicais, as pesquisas estavam voltadas exclusivamente para uma análise diatópica da língua, ou seja, a variação de acordo com a localização geográfica. Com a modernização dos estudos dialetológicos, bem como a união da geolinguística com a sociolinguística, impulsionada pela criação do Projeto ALiB, o universo da pesquisa expande o seu campo, considerando também o contexto social envolvendo, por exemplo, questões de gênero. Isso permite, portanto, comparar diferenças e semelhanças no léxico feminino e masculino.

Esse estudo de caso está dividido em quatro seções. Na primeira parte será feito um breve levantamento teórico sobre a Dialetologia. Em seguida, irá abordar-se um pouco do processo de construção desse trabalho. Na sequência, será realizada uma análise dos dados coletados e, por fim, serão apresentadas as conclusões a respeito do assunto explanado.

Uma visão pluridimensional da Dialetologia

O estudo da língua não é algo simples, assim como qualquer objeto de estudo, é impossível contemplá-la em sua plenitude, pois ela é dinâmica, heterogênea e está sempre em transformação. A língua é influenciada por fatores externos, sendo assim, à medida que o tempo passa, o contexto social muda, bem como as relações humanas vão se tornando mais complexas. Dessa maneira, com o intuito de tentar suprir essa carência, surge a Dialetologia: uma disciplina que estuda o léxico em sua diversidade e riqueza. De acordo com Cardoso, ela

apresenta-se, no curso da história, como uma disciplina que assume por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. (2016, p. 1).

A princípio, as pesquisas dialetológicas tinham como enfoque principal o estudo da variação linguística através do espaço geográfico, localizações, traçados de isoglossas que



delimitavam as diferentes regiões linguísticas do Brasil propostas por Antenor Nascentes bem como outros pesquisadores. Atualmente, esses estudos passaram por transformações, ampliando sua perspectiva. A pesquisa agora passa a também levar em consideração outros fatores que também influenciam o uso de variantes linguísticas e a metodologia geolinguística é o que há de mais moderno e inovador nos estudos dialetológicos

Em retrospectiva, alguns anos antes do início do projeto para a elaboração de um atlas linguístico brasileiro, a pesquisa geolinguística passou por vários entraves causados por fatores como dificuldade de comunicação, de locomoção entre outros, além de que os trabalhos eram mais voltados para as variações regionais, ou seja, observavam a divisão linguística espacial. O mundo foi passando por transformações tecnológicas, surgem novos meios de transporte, assim como as cidades remotas começam a expandir-se. A partir daí nascem os grandes centros e as pesquisas expandem-se além das zonas rurais. Tudo isso contribuiu para a viabilização da construção de um atlas nacional, o que é um marco para a modernidade da geolinguística. Nesse momento, a pesquisa passa de um caráter bidimensional para pluridimensional, considerando, agora, aspectos como raça, grupos sociais, gêneros e etc., sem deixar de lado a priorização da diatopia.

Para estudar a variação do léxico marcada pelos sexos masculino e feminino é dado a um determinado trabalho o enfoque diassexual. Sendo assim, a pesquisa de caráter diassexual pode auxiliar na análise sobre qual o grau de conhecimento que os indivíduos do sexo oposto têm com relação a um item que não faz parte do seu cotidiano e conseqüentemente não tem relevância para eles. De acordo com o dito por Suzana Alice Marcelino Cardoso, em seu livro “Geolinguística- tradição e modernidade”:

O gênero, assim como se comprova em relação à variação diageracional, se constitui, também, em preocupação e interesse dos dialetólogos desde os primórdios dos estudos dialetais, o que conduziu a que os usos linguísticos de homens e mulheres se tornassem objeto de documentação. (CARDOSO, 2010, p.53).

Os estudos relativos ao falar do homem e da mulher ganham espaço nas pesquisas, ampliando os horizontes dos estudos dialetológicos, assim como abrindo novos caminhos para os estudos dialetais.



A Variação diassexual

A palavra *blush* é uma expressão em inglês que significa, de acordo com o dicionário online *Cambridge Dictionary*, “a powder or cream put on the cheeks to make them look pink” (BLUSH, 2021). No dicionário Aulete digital, por sua vez, encontra-se a seguinte definição em português: “Cosmético em pó ou creme, us. para dar cor mais viva às maçãs do rosto”. (BLUSH, 2021). Outra variação para o item lexical é o termo *rouge*, definido pelo dicionário online *Cambridge Dictionary* como “a red or pink powder put on the cheeks to make the face look more attractive (ROUGE, 2021). Dessa maneira, é algo que fala muito sobre a cultura, especialmente da feminina, sendo comum ao seu vocabulário. Contudo, esse item normalmente não faz parte da rotina dos homens. Segundo Fasold (1990 apud BUSSE, 2000, p.101) “a adoção da inovação ou a mudança linguística entre as classes sociais também está relacionada ao grau de dependência entre elas, aos usos que se faz ou se necessita dos bens de consumo”. Além disso, é possível, de acordo com Busse, afirmar que:

A variação linguística de sexo/gênero surge porque a língua, como fenômeno social, está relacionada a atitudes sociais. Homens e mulheres são socialmente diferentes nas diferentes posições sociais que ocupam, e são regidos por diferentes regras sociais. A língua reflete simplesmente um fato social. (2000, p. 104)

Sendo assim, pode-se considerar que cada grupo social possui peculiaridades em seu léxico, que varia de acordo com a cultura, os interesses de cada indivíduo, e seu contexto.

Metodologia

Esse trabalho se concentra na variação do item *blush* referente à pergunta 191 do questionário semântico-lexical (QSL) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil: “O que as mulheres usam no rosto para ficar mais coradinha?”. Com o propósito de identificar qual o grau de conhecimento que os homens possuem sobre um objeto mais comum no cotidiano das mulheres, os informantes selecionados foram 10 indivíduos do sexo masculino e 10 mulheres das faixas etárias I e II residentes das localidades de Araraquara, Teodoro Sampaio, Presidente Prudente, Marília, Bauru, Mogi Mirim, seguindo as orientações metodológicas do



Projeto ALiB que determinam que o informante e seus pais sejam naturais do lugar, que não tenham residido em outros locais mais de um terço de suas vidas, nem ter um trabalho que necessite que ele esteja constantemente se deslocando. Ademais, sua idade deve ser entre 18-30 anos ou 50-65 anos, assim como sua escolaridade deve ser de nível fundamental, o que é muito difícil encontrar nessa faixa etária, ou universitária. Para chegar aos resultados deste estudo de caso foram realizadas as seguintes etapas: leituras de artigos aliada à realização de fichamentos para auxiliar na construção do referencial teórico; audição das entrevistas e realização da transcrição para coleta de dados; lançamento dos dados em planilha; construção do trabalho escrito e análise dos dados coletados.

Análise de dados e resultados

Através de dados quantitativos é possível verificar a frequência com a qual ocorrem algumas realizações em um grupo de pessoas de determinado sexo.

Gráfico 1: variantes encontradas na fala dos homens

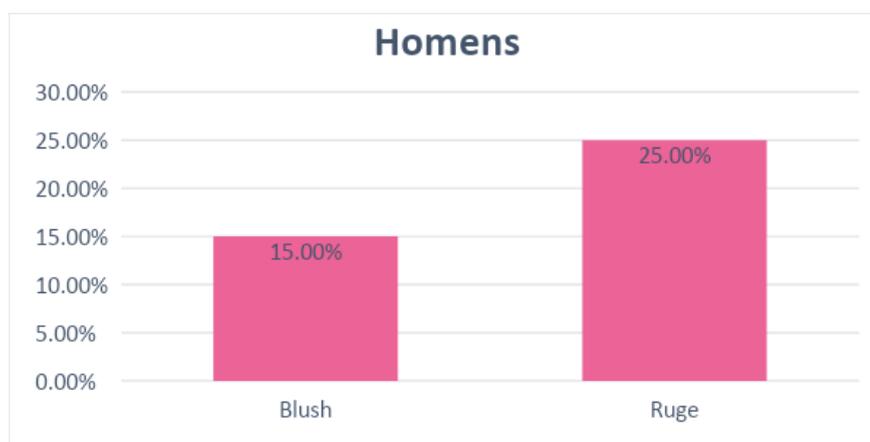
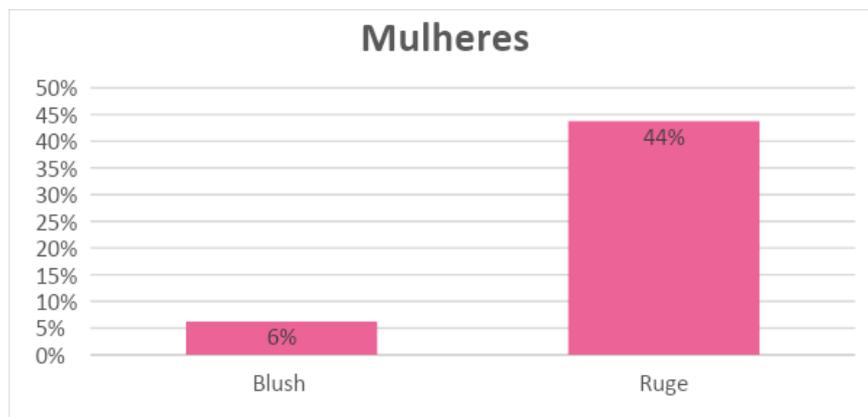




Gráfico 2 : variantes encontradas na fala das mulheres



No primeiro gráfico, observa-se uma maior recorrência da variante *ruge* sobre a variante *blush* na fala dos homens. No segundo gráfico, por sua vez, isso se repete.

Ao comparar os dois gráficos, percebe-se que, na fala dos informantes masculinos, a ocorrência de *blush* é superior com relação à fala das informantes femininas. Em contrapartida, o uso do léxico *ruge* é mais intenso na fala das mulheres.

Observa-se, portanto, nas localidades escolhidas, que, apesar das diferenças quantitativas, no vocabulário de ambos os sexos não se identificam outras nomenclaturas que estão de acordo com o que é inquirido na questão 191 além de *blush* e *ruge*.

A análise de trechos de inquéritos complementa os dados apresentados nos gráficos. Dessa forma, é possível observar o contexto das entrevistas e encontrar informações além daquelas já apresentadas, assim como é possível realizar um estudo mais minucioso. Serão apresentados a seguir alguns exemplos e suas respectivas análises.

INQ. - E aquilo que a mulher passa assim no rosto, na bochecha, para fica rosadinha?

INF. - Acho que é *rímel*, né? *Rímel*. Como que chama? é...

INQ. - Que fica rosadinha

INF. - É blu... é...nossa, não sei, será que é *blush*? Não sei direito o nome.

INQ. - É tem gente que chama assim.

INF. - *Blush*, né? Ou pó de arroz que fala também.

(Araraquara, Homem, Faixa etária I, Nível fundamental)



Nesse exemplo, no primeiro momento, o informante confunde palavra e significado, associando o *rímel* ao que a mulher passa na bochecha. Após a inquiridora falar novamente “que fica rosadinha”, ele consegue fazer a relação adequada com o *blush*, embora ainda seja perceptível insegurança em sua fala. No final, ele acrescenta o termo *pó de arroz* que, apesar de também compor a maquiagem, não é sinônimo de *blush*.

INQ. - E aquilo que as mulheres passam no rosto, na bochecha, pra ficar rosada?

INF. - Eu conheço como *ruge* (risos)

INQ. - Já ouviu outro nome?

INF. - Não. Tem outro que eles usa, é o *ruge* ou *pó de arroz*, eles trata.

(Araraquara, Homem, Faixa etária II, Nível fundamental)

No segundo exemplo, o informante não apresenta dificuldade em relacionar o significado ao significante identificando a variante *ruge*. Ele informa não conhecer outra forma de nomear aquilo que as mulheres passam no rosto. No entanto, identifica o *pó de arroz*, ou seja, um item lexical que não se encaixa nesse campo semântico.

INQ. - Que que a mulher passa no rosto pra ficar mais corada?

INF. - É *creme*, né? Creme, *pó*.

INQ. - Tou vendo que não é casado mesmo, né? (risos).

INF. - Aqueles *pó* lá.

INQ. - Que fica só aquele *pozinho vermelhinho* que passa.

INF. - *Blush*, sei lá, conheço não.

INQ. - Você já ouviu falar de *blush*?

INF. - Já ouvi falar só na televisão.

INQ. - Ah tá, só na televisão.

(Presidente Prudente, Faixa etária I, Homem, Nível Fundamental)

Nesse exemplo, observa-se desconhecimento por parte do informante a respeito do que é solicitado na questão, assim como o caráter irrelevante que aquele saber tem para o mesmo. Ele apresenta várias possibilidades para o que seria o *blush*. Primeiro ele realiza



tentativas de acerto, citando os referentes *creme* e *pó* que não se enquadram no contexto apresentado. Além disso, ao empregar a expressão “aqueles pó lá”, evidencia o caráter irrelevante que aquele determinado conhecimento tem para ele. Continuando, a inquiridora tenta mais uma vez e ele se recorda da variante *blush*. Por fim, descobrimos que o entrevistado só reconhece o referente *blush* devido ao fato de ter visto na televisão. Sendo assim, trata-se de algo que parece estar distante da realidade dele.

INQ. - Como que chama aquilo que a mulher passa no rosto, na bochecha, para ficar rosada?

INF. - É... x'eu vê se lembro o nome aqui. Pó? Tem o pó, né? tem... ah, elas passam bastante coisa. Tem o pó que passa no rosto, tem o lápis que passa no olho, né?

INQ. - E aquilo que as mulheres passam no rosto pra ficar vermelhinha?

INF. - *Ruge*

(Presidente Prudente, Homem, Faixa etária II, Nível fundamental).

Nessa situação, o informante reconhece que a dificuldade de associar o nome ao objeto se deve ao fato de que as mulheres usam itens específicos para cada região do rosto, tendo cada um sua respectiva funcionalidade. Assim como também vemos mais uma vez a presença do marcador diageracional pois, sendo mais velho, o informante possui conhecimento da palavra *ruge*, mais utilizada antigamente.

INQ. - Como é aquilo que antigamente as mulheres passavam no rosto para ficar coradinha?

INF. - Pó de arroz, maquiagem, né? *Ruge*.

(Marília, Homem, Faixa etária I, Nível fundamental).

Nesse trecho, o informante faz a associação adequada do *ruge* ao seu significado, mas não faz distinção significativa entre *pó de arroz*, *maquiagem* e *ruge*.

Desse modo, no *corpus* analisado, percebe-se que o referente *blush* não faz parte do vocabulário dos indivíduos do sexo masculino, não sendo muito conhecido por eles, pois não é um acessório de interesse dos mesmos, que só o conhecem de ouvir falar, seja pela TV ou



através de mulheres com quem convivem. Identifica-se, portanto, uma palavra específica do vocabulário feminino.

INQ. - E aquilo L. que antigamente, agora tá voltando à moda, que as pessoas passavam no rosto, assim, pra ficar coradinha?

INF. - *Pó*.

INQ. - E o mais vermelhinho?

INF. - *Ruge*.

INQ. - Usa ainda?

INF. - Usa.

INQ. - Voltou, né?

INF. - (risos)

(Marília, Mulher, Faixa etária I, Nível fundamental)

A princípio, nesse registro, a entrevistada identifica o referente como pó. Em seguida, quando a inquiridora é mais específica na abordagem, ela consegue fazer a associação, lembrando da palavra *ruge*.

INQ. - E aquilo que as mulheres passam assim no rosto, na bochecha, pra ficar rosadinho?

INF. - É...

INQ. - Antigamente usava mais do que agora.

INF. - *Ruge*.

INQ. - *Ruge*?

INF. - É.

INQ. - Ficava rosadinho.

INF. - É, *Ruge*.

(Araraquara, Mulher, Faixa etária II, Nível fundamental)

Nessa situação não há dificuldade por parte da informante em compreender a pergunta.

INQ. - Aquilo que as mulheres passam no rosto.

INF. - *Pó*.

INQ. - Na bochecha para ficar rosadinha.

INF. - *Pó*.

(Teodoro Sampaio, Mulher, Faixa etária I, Nível fundamental)

Nesse caso, a informante indica não ter conhecimento de como se chama “aquilo que as mulheres passam no rosto” e para ela significa o mesmo que *pó*.



INQ. - O que as mulheres usam no rosto, assim, pra ficar coradinha, mais vermelhinha?

INF. - *Ruge*.

INQ. - Tem outro nome?

INF. - Não. Minha mãe, quando nós era pequena, antigamente, então ela não tinha *ruge*, ela molhava aqui um papel, pegava um papel vemeio, molhava e passava assim, ficava bem coradinha dos lado, assim, nas bochecha, nos lábio, porque não tinha batom, né? Aí quando não tinha, mas geralmente ela comprava o batom e passava, quando não tinha ela pegava o papelzinho vermelho e passava.

INQ. - Ela era vaidosa.

INF. - Minha mãe era vaidosa.

INQ. - Ah! Que bacana.

(Teodoro Sampaio, Mulher, Faixa etária II, Nível fundamental)

Nesse exemplo a informante demonstra compreender que o *ruge* é usado para deixar o rosto vermelhinho. Ademais, ela fala como a mãe conseguia o mesmo efeito quando não tinha o *ruge*.

INQ. - Tem uma coisinha assim que a gente passa no rosto assim, né, pra ficar rosadinha, a mulher gosta de passar.

INF. - É *blush*, né? *Blush* ou *pó compacto*, ou se não antigamente a turma falava *pó de arroz*, né?

INQ. - Ah, tá. Tudo o mesmo, né?

INF. - É, tudo o mesmo.

INQ. - Só mudou o nome.

INF. - É.

(Bauru, Mulher, faixa etária II, Nível fundamental)

Vê-se, nesse exemplo, a utilização de um léxico considerado mais moderno ressaltado pela variante *blush* e um mais antigo referente ao *pó compacto*, mostrando a existência de uma variação diageracional.

Dessa forma, conclui-se que as residentes das referidas localidades sabem responder à questão, embora não façam uma diferenciação semântica entre os itens lexicais *ruge*, *blush*, *pó* ou *pó de arroz*, talvez devido ao seu contexto ou por não terem esse hábito de usar maquiagem, rompendo com o que é dito pelo senso comum. Mesmo assim, não foram verificadas situações de distanciamento semântico como no caso de *rimel* e *creme* que apareceram na fala dos homens.



Considerações finais

As inovações nos estudos dialetológicos, tais como o uso da metodologia geolinguística pluridimensional, auxiliam na busca por compreender a língua como um todo. O modo de falar varia entre os sexos, sendo assim, o vocabulário de um determinado grupo é definidor de sua identidade.

Nos dados dos homens, é possível ver, em alguns casos, que eles não desconhecem o item lexical totalmente, eles não conseguem responder a questão no primeiro momento e fazem tentativas até chegarem a resposta. Esse saber chega até eles por ouvir alguém falar ou pela televisão, mas não é algo que esteja inserido em seu vocabulário cotidiano. No *corpus* estudado, na maior parte dos dados, não existe no falar masculino uma distinção semântica entre o que seja *blush*, *ruge*, *pó*, *pó de arroz*, *creme* ou *rímel*. Como visto, apenas um dos entrevistados faz esse detalhamento.

No que se refere às respostas das mulheres, em contrapartida, não houve realizações de tentativas até chegar na resposta e nem a presença de itens que não atendem aos traços mencionados na pergunta como, por exemplo, *rímel* ou *creme*.

Referências

BLUSH. In: Aulete digital. Disponível em: <https://aulete.com.br/Blush>. Acesso em: 20/09/2021.

BLUSH. In: Cambridge dictionary. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/blush>. Acesso em: 20/08/2021.

BUSSE, Sanimar. **Investigações geossociolinguísticas**: considerações para uma descrição dos fenômenos da variação. *Línguas & Letras*, [S.l.], v. 13, n. 24, jan. 2000. ISSN 1981-4755. Disponível em: <http://saber.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/6957>. Acesso em: 13 ago. 2021. doi:<https://doi.org/10.5935/rl&l.v13i24.6957>

CARDOSO, S. A. M. **A geolinguística no terceiro milênio**: monodimensional ou pluridimensional?. *Revista do GELNE*, v. 4, n. 2, p. 1-16, 2 mar. 2016.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Variação diagenérica. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 51-52.



ROUGE. *In:* Cambridge dictionary. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/rouge>. Acesso em: 20/09/2021